

AS PALAVRAS ENCONTRAM A PAISAGEM EM “THE LANGUAGE OF LANDSCAPE” DE ANNE SPIRN

When words face Landscape: Anne Spirn in “The Language of Landscape”

Las palabras encuentran el paisaje en "The Language of Landscape" Anne Spirn

Bruno Frank

Vinculado ao laboratório de Paisagem- Universidade Estadual de Londrina

brufank@neobiz.com.br

Resumo:

O uso de metáforas, de expressões e palavras quando descrevemos uma Paisagem não é somente mero recurso didático. Uma linguagem sobressai ao considerarmos seus componentes formativos e expressões. Nesta obra, Anne Spirn encabeça um estudo inovador a respeito da forma como são estruturadas e interpretadas as Paisagens. Ao focar sua investigação na decodificação das diferentes “linguagens”, extrai seus componentes diretamente da Paisagem. A ideia desta resenha é apresentar rapidamente a obra, pontuando os principais tópicos abordados de maneira a convidar o leitor à apreciação de uma obra pouco conhecida no Brasil.

Palavras-chave: Linguagem; Anne Spirn; Paisagem; Geografia Cultural.

Abstract:

The use of metaphors, expressions and words when we describe a landscape is not merely a teaching resource. We can say a language emerges when considering their formative components and expressions. In this work, Anne Spirn heads a groundbreaking study about the way language can be structured and interpreted as landscapes. By focusing their research on decoding different "languages", by portraying its components directly from the landscape. The idea on this review is to present the main topics covered in the book, as an invitation to reader's to evaluate this work, which is unfamiliar to Brazilian public.

Key-Words: Language; Anne Spirn; Landscape; Cultural Geography.

Resumen:

El uso de metáforas, expresiones y palabras cuando describimos un paisaje no sólo es mero recurso didáctico. Un lenguaje surge al considerar sus componentes y expresiones formativos. En este trabajo, Anne Spirn encabeza un estudio pionero sobre la forma en que se estructuran y se interpretan los paisajes. Al centrar su investigación sobre la decodificación de diferentes "lenguajes", señala a sus componentes directamente del paisaje. La idea de esta revisión es presentar el trabajo de forma rápida, anotando los principales temas tratados con el fin de invitar al lector al escrutinio de una obra poco conocida en Brasil.

Palabras-Clave: Lenguaje; Anne Spirn; Paisaje; Geografía Cultural

Signs of hope, signs of warning are all around, unseen, unheard, undetected. Most people can no longer read the signs: whether they live in a flood plain, whether they are rebuilding an urban neighborhood or planting the seeds of its destruction, whether they are protecting or polluting the water they drink, caring for or killing a tree. Most have forgotten the language and cannot read the stories the wildflowers and saplings on vacant lots tell of life's regenerative power; many do not

understand the beauty of a community garden's messy order. They cannot hear or see the language of landscape. (SPIRN, 1998, p.11)

E se palavras, sintaxes e frases pudessem expressar paisagens? Foi atrás desta resposta que a professora de Arquitetura no *Massachusetts Institute of Technology*, Anne Whiston Spirn experimenta em seu *The Language of Landscape* publicado pela Yale University Press (1998).

A Paisagem é uma linguagem afirma, e pode ser interpretada como uma, pois “(...) possui todas as características de uma linguagem. Contém o equivalente a palavras e partes da fala --- padrões de forma, estrutura, material e propósito” (SPIRN, 1998, p.15).

No entanto, assim como nos idiomas, estão sujeitas às regras gramaticais, em outras palavras, padrões de organização que refletem ou não as experiências presentes no mundo real ou imaginado. Fala-se desta forma, de paisagens universais, cuja linguagem é facilmente reconhecida, enquanto outras são mais particulares e pertencem a “lugares ou dialetos específicos” (idem, ibidem).

Como na aprendizagem de uma linguagem, o livro segue uma estrutura lógica com capítulos pontuando seus fundamentos originários, semântica, os adjetivos, a estrutura das frases e dos diálogos. Spirn alerta que corremos um risco, quando perdemos a capacidade de compreender a linguagem, o que representa uma ameaça à própria preservação e conservação do conhecimento presente nas paisagens: sua densidade histórica e capacidade de comunicar-se com as pessoas. Essa perda na fluência:

(...) na paisagem por sua vez empobrece a linguagem verbal. (...) a linguagem da paisagem faz com que percebamos e moldemos a paisagem como um todo. Ler e falar fluentemente é um caminho para reconhecer os diálogos que ocorrem em um lugar, apreciar as histórias de outros, distinguindo diálogos persistentes de efêmeros, e por fim, se juntar à conversa. (idem, p.23-25. Adaptado)

Os temas comuns das histórias por trás das paisagens são comuns também na literatura: luta pela sobrevivência, o caráter das sociedades humanas, a natureza do natural e o lugar dos homens nela, a origem das coisas (narrativas sobre a criação mitológica p.ex.). Assim como os modos básicos: folclore, Tragédia, Comédia, Épico e Poesia. Desta forma, podem aludir a diversas conexões, sensações humanas como o medo e a admiração. Para Spirn existe uma “voz” que revela a personalidade de seus “autores”.

Recheado de narrativas pessoais dialoga as paisagens que vivenciou. Com o amadurecer que atravessa sua própria narrativa, perfaz a trajetória da condição humana que busca condensar ao compreender a “linguagem” por trás de cada Paisagem. A mistura de autobiografia com *insights* resulta em uma experiência enriquecedora, com imenso número de referências a obras importantes e de fotografias que “sintetizam” o conteúdo presente no texto.

Compreenderíamos a experiência, a partir do outro, de outras experiências. Sendo assim viagens, lugares e relatos influenciam nossa percepção e pré-moldam julgamentos, “(...) a forma como você lê uma cena, os padrões que você percebe e o contexto no qual os coloca influencia a história que irá contar. (idem, p.49)”. Paisagens estão de sobremaneira habitadas pela imaginação como “(...) metáforas enraizadas que orientam como humanos pensam e agem (idem, p.19, adaptado)”.

Os componentes não adquirem significados estáveis, mas justapostos, “Figuras e alegorias encontram-se raramente isoladas na Paisagem, mas, no entanto, quando combinadas ou sobrepostas se correspondem, induzindo reflexões, incitando conhecimento e significados” (idem, ibidem, p.34).

Nos diálogos entre os componentes de uma Paisagem. Os signos são entendidos como indicativos de acontecimentos, narrativa de comunidades ao longo do tempo (um cemitério, um morro vazio, uma árvore isolada, p.ex.). Os significados podem ser inerentes, inventados ou ambíguos. Ambiguidades representam complexidade, em contraposição ao simples ou linear. Diálogos e discurso são assim, passíveis de categorização, segue a autora:

Alguns diálogos são extrovertidos e físicos. Plantam-se cercas-vivas capazes de bloquear ventos fortes, telhados intercalados nos lugares onde a neve costuma pesar, quando com a força do vento a neve cai docilmente. Diálogos similares ocorrem entre práticas de cultivo e dimensões do campo, estruturas familiares e padrões nas residências. As paisagens vernaculares que emergem de tais diálogos possuem uma coerência. (...) outras são introspectivas, como no diálogo entre Claude Monet e seu jardim: entre artista e a Paisagem, práticas de design, jardinagem e de pintura: o atual e o virtual. (idem, ibidem, p.39, adaptado).

Paisagens Vernaculares, por exemplo, são “extrovertidas” porque contém o elemento do ocaso, pois emergem da sintonia entre os construtores e o lugar ao longo do tempo. Você vê o que significa.

Enquanto a leitura em forma de narrativa é riquíssima, a autora não sistematiza ou não dá um enquadramento teórico claro de sua metodologia, a raiz encontra-se diretamente ligada à experiência. A compreensão dos múltiplos significados nos componentes da paisagem e seus arranjos é uma das grandes contribuições da obra.

Por fim, a obra de Spirn, merece a leitura não só de entusiastas no estudo da Paisagem Cultural como por qualquer pessoa que busque inspiração na poética e nas narrativas que permeiam a experiência humanista.

Referências:

SPIRN, Anne. *The Language of Landscape*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1998. 324p.